FILOSOFIA DO SER: A TAREFA INACABADA DO PENSAR

PHILOSOPHY OF BEING: THE UNFINISHED TASK OF THINKING

Rafael Lourenço Navarro *

As duras críticas feitas por Martin Heidegger ao pensamento objetivante mantêm-se como um dos principais legados filosóficos do séc.XX. Para o filósofo alemão, desde que Platão identificou a realidade com a imutabilidade das ideias a filosofia se esqueceu do Ser. Assim, a metafísica que fundamenta o pensamento ocidental configura-se como onto-teologia. Ela trata apenas do que pode ser intelegivelmente determinado em sua identidade com as ideias e esquece, portanto, da diferença entre Ser e ente. A metafísica, para Heidegger, trata do ente em geral (ontologia) e para sustentar suas argumentações tem de buscar um ente supremo e primeiro (teologia).

Heidegger aproxima o significado de metafísica e ciência ao compreender uma como onto-teo-logia e a outra como *Gestell*, enquadramento definidor. O pensador alemão indica este vínculo ao apontar a origem do pensamento técnico-científico moderno na metafísica grega. (HEIDEGGER 1989a. p.71-73) A semelhança destes dois modos de pensar pode ser identificada no que Heidegger chama de esquecimento do Ser pela metafísica. Para o autor alemão, a metafísica esquece-se da diferença ao propor um pensamento universalizante onde apenas a identidade é percebida. As proposições metafísicas e científicas, deste modo, falam somente do ente, determinável em suas categorias.

Nesta perspectiva, a pergunta filosófica por excelência “o que é o Ser?” é respondida pela tradição do pensamento ocidental a partir da resposta aristotélica “algo determinado”. Baseada na concepção de verdade como adequação do intelecto à coisa (*adequatio intellectus et rei*), esta resposta para Heidegger é aquela que levou a filosofia, o pensamento metafísico, a encerrar seu ciclo sem responder a pergunta fundamental.

* Graduando em Filosofia pela PUC Minas;

Segundo Heidegger, este esquecer-se do Ser levou o pensamento ocidental a definir todos os objetos do conhecimento em determinações que não atentam para o sentido do Ser. Descartes e sua intenção de determinar a realidade em idéias “claras e distintas” é um exemplo deste modo de conhecer o mundo. A perspectiva cartesiana foi adotada pela ciência do século XVII e serve de fundamento para a revolução tecnológica da modernidade. A razão técnico-científica fornece os instrumentos que levam o homem a enxergar a natureza sob a óptica da quantificação. Assim, a natureza é reduzida a algo passível de ser dominado e manipulado.

O filósofo alemão dedicou-se, porém, a pensar o Ser, a discorrer sobre a diferença entre Ser e ente. Os argumentos heideggerianos refutam o entendimento de verdade como união de conceitos, como adequação do intelecto à coisa (*adequatio intellectus et rei*) para recuperar um sentido mais originário de verdade como *alétheia*, desvelar do Ser. A partir deste entendimento de verdade, Heidegger estende suas críticas à metafísica para abranger também o pensamento técnico-científico.

A conclusão heideggeriana, de que “o elemento distintivo do pensamento metafísico, elemento que erige o fundamento para o ente, reside no fato de, partindo do que se apresenta, representar a este em sua presença e assim o apresentar como fundado desde seu fundamento” (HEIDEGGER, 1989a. p.71) busca estabelecer o fim do ciclo do pensamento filosófico e metafísico. No texto citado o autor chega mesmo a perguntar qual tarefa ainda estaria reservada ao pensamento no fim da filosofia.

Porém, se a metafísica tem por objeto de estudo os princípios primeiros e as causas (ARISTÓTELES, **Metafísica**, Alfa 2, 982b 8), a busca de uma verdade mais originária, de um pensamento que observe a diferença entre ente e Ser não seria uma metafísica a pleno direito? Aristóteles, após elencar vários significados de princípios diz ser “comum a todos os significados de princípios o fato de ser o primeiro termo a partir do qual algo é ou é gerado ou é conhecido” (ARISTÓTELES, **Metafísica**, Delta 1, 1013a 17ss.).

Ora, para Heidegger o Ser é o aspecto mais geral de tudo que é. O mais manifesto e primeiramente captado pelo intelecto (ainda que pré-reflexivamente) e o que permite o conhecer daquilo que é. Fica difícil, então, refutar a interpretação de que um filósofo que dedicou sua vida a estudar o Ser, como Heidegger o fez, seja um metafísico em mais alto grau. O próprio autor escreveu “que uma Filosofia seja como é, deve ser simplesmente

reconhecido. Não nos compete preferir uma a outra, como é possível quando se trata das diversas visões do mundo.” (HEIDEGGER. 1989a. p.72) Com isto em mente, pretende-se demonstrar que o pensamento heideggeriano nos chama a reverenciar o Ser. Esta reverência encontra-se no fim de um trajeto pavimentado de formas bastante semelhantes por Heidegger e William Desmond. Logo, se um caminho onde os trajetos e o destino se identificam, a origem também deve ser aproximada, e para Desmond esta origem consiste num valor intrínseco ao Ser.

Heidegger entende por “fim da Filosofia” o triunfar da razão instrumental que estabelece uma ordem social que implica numa civilização mundial cujo fundamento é o pensamento ocidental-europeu. Pensamento ocidental-europeu é entendido por Heidegger como metafísica e ciência. (HEIDEGGER. 1989a. p.73) As características mais acentuadas destas formas de ler a realidade são a determinação mais exata e unívoca por meio de enunciados proposicionais distintos e a decorrente noção, própria de um pensamento onde o Eu Pensante é fundamento da realidade, de que todo o real é passível de ser manipulado pelo homem.

Desta maneira o fim da filosofia apresenta-se como o encerramento do ciclo de pensamento metafísico. Heidegger chama a metafísica de platonismo, e sua história consiste das mais variadas interpretações de Platão até chegar a Nietzsche que o inverteu e encerrou assim o ciclo do que se poderia pensar na metafísica (HEIDEGGER. 1989a p. 72). A metafísica entendida nestes termos é chamada de onto-teo-logia, pois seu objeto é a unidade do mais geral (ontologia) e a unidade fundante da totalidade (teologia). Por isso a metafísica se esquece da diferença, pois para justificar a realidade precisa pensar um ente supremo que lhe sirva de fundamento. (HEIDEGGER. 2013. p.64ss)

Autores como Loltz (1977) e Puntel (2011. p.79ss) acusam Heidegger de não ter prestado atenção à diferença ontológica em Santo Tomás de Aquino, e que a doutrina tomista onde os entes finitos participam por analogia no ato de ser com Deus, o Ser por si mesmo subsistente (*ipsum esse per se subsistens*) não poderia ser enquadrada à metafísica como onto-teo-logia. Esta crítica funda-se numa interpretação que não faz jus ao pensamento heideggeriano.

Isto porque o entendimento de Heidegger do Ser não aponta para o fenômeno do ato de ser tomista. A leitura dos textos heideggerianos deve caminhar para a indicação do

entendimento de Ser como o que a escolástica entendia por “*ratio entis*”. O Santo de Aquino esclarece este conceito da seguinte forma: “aquilo que o intelecto concebe em primeiro lugar como o mais manifesto e ao qual reduz (*resolvit*) todos os seus conceitos é o ser (*ens*)” (De Ver q.1. a.1c) Deste modo o Ser é entendido por Heidegger como objeto formal do intelecto. E enquanto o “mais manifesto” é o horizonte que fundamenta a capacidade humana de conhecer algo como ente e como sendo. Trata-se pois do Ser como pré-compreensão implícita em todo saber, e não de um “conceito” de Ser alcançado por profunda reflexão teórica. (MAC DOWELL, 1999. p.420)

Heidegger fala em liberdade como fundamento do fundamento (HEIDEGGER, 1989c. p.124-125) para sustentar o argumento de que o homem pode buscar o fundamento de seu existir sem estar preso a nenhuma determinação de princípio. Esta liberdade, porém, é entendida e apresentada como algo ao qual o existir humano pertence e não como a execução da vontade do homem. O fundamento, a pergunta pelas causas é fundada pela liberdade. Perguntamos pelo *por que* quando julgamos que aquilo sobre o que perguntamos poderia ser diferente. Neste livre perguntar transcendemos o mundo, a liberdade permite que nos relacionemos com o mundo sem uma pré-determinação. Esta transcendência é um “fato” não causado ou fundado, mas a condição de fundamento e causa. A liberdade de transcender “já sempre” (*immer schon*) abarca o Dasein-lançado-no-mundo. Esta é nossa condição de ser-no-mundo.

Para familiarizar o leitor com esta transcendência do Dasein, Heidegger invoca Platão (HEIDEGGER, 1989c. p.117), precisamente o parágrafo 509 B do Livro VI da República. Nesta passagem Sócrates afirma: “para os objetos do conhecimento, dirás que não só a possibilidade de serem conhecidos lhes é proporcionada pelo bem, como também é por ele que o Ser e a essência lhes são adicionados, apesar de o bem não ser uma essência, mas estar acima e para além da essência”. Esta passagem é interpretada por Heidegger como o culminar da questão central e concreta da possibilidade orientadora fundamental da existência do *Dasein* na *Pólis*. Em outros termos, a ideia de bem é o que pauta o ser-no-mundo humano. Só podemos fundar (erigir) nossa existência a partir da ideia do bem, pois “se o Ser em si mesmo não possui valor, não podemos dar-lhe valor algum, pois nosso ser mesmo, e tudo que fazemos, incluindo o valorar do Ser, em última instância não tem valor. O valorar humano do Ser é ulteriormente sem valor.” (DESMOND. 1995c.

p.223) Será então o homem livre para reconhecer a bondade inerente ao Ser? Ou talvez livre para viver uma vida desprovida de valor e sentido?

Ser, em seu dar-se, possibilita o espanto que é o originar da atitude filosófica. Todavia, enquanto a tradição filosófica ocidental confia na capacidade da razão de alcançar este espanto por si mesma, Desmond nos lembra que não podemos arbitrariamente conquistar o espanto, ele é dado. É um dom. (DESMOND. 1995a. p.48) Para Heidegger o puro mostrar-se do “que é isso” não é suficiente, pois aqui permanecem obscuros o de onde e para onde, o em-vista-de. (HEIDEGGER. 2012. p.385) Na leitura heideggeriana, o pensamento científico e o metafísico, que não conhecem coisa alguma que não seja o ente, só conseguirão conceber o que não é ente (o Ser) como nada. (HEIDEGGER. 1989b) Daí, o nada experienciado na angústia (*Angst*) constituir um fenômeno fundamental no caminho para uma determinação do Ser. A angústia possibilita a percepção do ocultamento do em-vista-de, e conseqüentemente a possibilidade de revelá-lo, ainda que não se possa buscar a angústia, ou mesmo determina-la como tal a não ser olhando para o passado.

O direcionamento para a determinação do Ser experienciado no encontrar-se (*Befindlichkeit*) que torna-se espanto (*thaumasein*) é a tarefa na qual se encontra o pensamento, num primeiro momento de perplexidade. Perplexidade segue portanto o espanto, como consequência da consciência do oculto em-vista-de. Perplexidade configura-se como uma falta de definição cognitiva, impelindo-nos para a transcendência a fim de suprir esta falta. (DESMOND. 1995a. p.737) Num tal estado de perplexidade, Heidegger encontra o fenômeno do entendimento (*Verstehen*) de mundo do ai-Ser (*Dasein*) humano. No modo-de-ser constituído pelo poder-ser, o homem já se entende sempre “mais” do que realmente é, entende-se em seu amplo horizonte de possibilidades. (HEIDEGGER. 2012. p.413) O projeto de possibilidade, contudo, é sempre mais amplo do que as condições ônticas daquele que projeta. Deste modo, o amplo horizonte aberto pela liberdade como fundamento do projetar transcendente é experimentado como ignorância, como falta que aguça um desejo por um conhecimento determinado. “Não podemos viver indefinidamente na perplexidade. Desejamos conhecer *definitivamente* o que tem valor (no mundo). Desejamos nos proteger contra a vulnerabilidade.” (DESMOND. 2001. p.53)

Desta maneira, a condição humana de ser jogado no mundo (Heidegger), de ser em meio à comunidade do Ser (Desmond), estabelece limites transcendentais para a liberdade

de nosso projeto. Escolher algo é abdicar de escolher alguma outra coisa. Tal limitação mostra-se como uma “inveterada tendência a pensar que ser é ser inteligível, e que ser inteligível é ser determinado” (DESMOND. 1995a. p.734) Todavia, o pensamento técnico-científico entende esta condição com a qual deve lidar a transcendência como uma limitação essencial à qual a liberdade não é capaz de superar. Assim, cada projeto específico escolhido dentre o horizonte de possibilidades apresenta um problema determinado, que requer soluções determinadas fornecidas por uma curiosidade específica, que encontra sua máxima efetividade na razão técnico-científica. A ciência encontra então sua glória na instrumentalização, que estabelece como único sentido do Ser o como fazer. Neste ponto a curiosidade da-gente (*das Man*) muitas vezes encontra repouso, numa determinação unívoca que responde aos problemas específicos de projetos determinados.

Esta curiosidade tem seu expoente máximo na enunciação como predicação. Uma proposição enuncia predicados de um sujeito, e este é determinado por aqueles. Aqui se identifica a matematização científica que explica a natureza como proposições que atestam estado de coisas. “O discurso que-se-expressa é comunicação. Sua tendência-de-ser consiste em pretender que o ouvinte participe do ser aberto por aquilo-sobre-que o discurso discorre.” (HEIDEGGER. 2012. p.473) Assim, o discurso técnico-científico e onto-teológico fundamentais à cultura européia ocidental já sempre oferece resposta bem determinada. Discurso desta ordem é intitulado em Ser e Tempo de falatório e nele o ouvinte, sem precisar se colocar como um ser originariamente entendedor, torna-se possuidor das respostas. A-gente (*das Man*) já sabe como utilizar um telefone ou usar o transporte público, porque sabe-se que é assim que se faz. “A curiosidade nada tem a ver com a consideração maravilhada do ente, com o espanto (*thaumazein*), não se interessa em que a admiração a leve a não-entender; ao contrário, ocupa-se de um saber, mas somente para ter sabido” (HEIDEGGER. 2012. p.485).

Todavia, quem lê a realidade apenas por proposições predicativas logo percebe que estas proposições reiteradamente falham em dar conta da realidade. O Ser se apresenta sempre excessivo para a capacidade enunciativa predicativa do homem. Tal constatação conduz o pensamento para uma segunda perplexidade. Perceber a familiaridade entre Ser e nada traz à tona novamente a perplexidade. A constatação da insuficiência das respostas de sua curiosidade focada impele o pensador a indagar novamente pelos sentidos do Ser. “Da

univocidade matematizada, a teoria científica pode tornar-se novamente perplexidade metafísica sobre o enigma do Ser.” (DESMOND. 1995b. p.81)

Desmond enxerga na contemporaneidade a tendência a dois modos de lidar com esta segunda perplexidade. Uma é uma postura que defende uma impossibilidade de determinar uma “essência” unificadora da multiplicidade de sentidos que marcam as diferentes formas humanas de viver. Pavimenta-se assim o caminho para a interpretação equívoca do Ser, onde cada proposição constitui-se como um ponto de vista sujeito a um determinado jogo de linguagem. Nesta perspectiva, os diferentes jogos de linguagem não são passíveis de redução a uma única forma básica ou essência abrangente. A outra advoca a efetivação de uma consciência unificadora da multiplicidade de sentidos providos pela cultura humana. (DESMOND. 1990. p.2) A pretensão científica de que o desconhecido é aquilo que simplesmente *ainda* não foi conhecido é o exemplo radical, mas enfático, desta perspectiva. Desmond propõe uma atenção-plena metafísica (*metaphysical mindfulness*) como uma outra via, uma que consiga determinar o Ser enquanto respeita a máxima aristotélica “o Ser se diz em muitos sentidos” (*to on legestai pollachos*) (ARISTÓTELES. **Metafísica**. 1003b5).

Para Desmond, a atenção-plena metafísica na segunda perplexidade é a renovação do espanto para além de todo conhecimento determinado. (DESMOND. 1995b p.156) Semelhantemente, para Heidegger, aquele que se cala no discorrer-um-com-o-outro pode dizer muito mais do que aquele que continuamente formula proposições num falatório infundável. (HEIDEGGER. 2012. p.463) A lembrança heideggeriana de que quem nunca diz também não possui a possibilidade de calar-se remete à crítica da concepção de Ser como indeterminado. Deste modo, ambos autores, cada um a seu modo, defendem uma concepção do Ser como Supra-Determinado. Para os dois é possível ao pensamento alcançar uma verdade sobre o Ser, contudo o pensar deve ficar atento aos sentidos ocultos que o discurso pode apenas apontar.

Heidegger liga técnica (τεκνη) e poesia (*Dichtung*) buscando a mesma origem etimológica de ambas em *poiesis* (pro-dução) para sugerir uma técnica capaz de revelar o sentido do Ser sem instrumentaliza-lo (HEIDEGGER. 2002. p.51). Desmond entende a metáfora (pherein = carregar) como uma carruagem capaz de nos levar para uma transcendência reverente ao Ser (DESMOND. 1995b. p.45). A liberdade como razão do

fundamento da transcendência (HEIDEGGER. 1989c p.125) é então mais rica se “o espanto que é dito ser o pathos originário do filósofo *reaparecer* após ter realizado seu trabalho de conceber um logos determinado. A perplexidade indeterminada reaparece, o espanto ressuscita a si mesmo, em um diferente sentido de estar intrigado, agora no limite do logos mesmo.” (DESMOND. 1995c p.34)

Assim, a questão proposta por Heidegger sobre qual seria a tarefa do pensamento com o fim do ciclo do pensamento metafísico encontra sua resposta na atenção-plena metafísica (*metaphysical mindfulness*). Abrir-se para este novo espanto, este assombro, é a tarefa do pensamento. A atenção-plena metafísica permite a reverência do Ser como *poietizar* (dichten). E o que é reverência se não o valorar para além da instrumentalização? (DESMOND. 2000. p.215).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola. 2005.

DESMOND, William. **Being and Between**. Albany. SUNY. 1995b.

DESMOND, William. Being, Determination and Dialectic: On the sources of Metaphysical thinking in: **Review of Metaphysics** 48. June 1995a.

DESMOND, William On the Betrayals of Reverence in: **Irish Theological Quarterly** 65 2000

DESMOND, William. **Ethics and Between**. Albany: SUNY. 2001

DESMOND, William. **Perplexity and Ultimacy**. Albany. SUNY: 1995c.

DESMOND, William. **Philosophy and Its Others** ways of being and mind. Albany. SUNY. 1990.

HEIDEGGER, Martin. Questão sobre a técnica. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e Conferências**. São Paulo: Vozes, 2010. p. 11-53.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia (hermenêutica da faticidade)**. São Paulo: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Quê é isto filosofia? Indentidade e diferença**. São Paulo: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Que é metafísica? In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1989b. p.33-63

HEIDEGGER, Martin. Tempo e Ser. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1989. p. 255-271

HEIDEGGER, Martin. Fim da filosofia. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1989a. p.70-81

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência do fundamento In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1989c. p.95-125

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas: Unicamp, 2012.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LOLTZ, Joannes Baptista. **A diferença ontológica em Kant, Hegel, Heidegger e São Tomás de Aquino**. Portuguesa de Filosofia, Braga. 1977. Tomo 33 (4) p.270-284

MAC DOWELL, João A. **A propósito da verdade do ser segundo Heidegger**. Síntese, Rev. de Filosofia v.26 n.86 (1999): pp.417-422.

PLATÃO. **República**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

PUNTEL, Lorenz. **Ser e Deus** um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Levinás e J-L. Marion. São Leopoldo: Unisinos. 2011.